

# ***Frutas do Brasil:* Uma alegoria do Novo Mundo**

*Berty R. R. Biron*  
(*Centro de Estudos do Real Gabinete*  
*Português de Leitura*)

---

## **RESUMO**

*Frutas do Brasil*, obra barroca de frei Antônio do Rosário, é um conjunto de parábolas de cunho moral e religioso, em que o autor exalta as qualidades das frutas brasileiras pelas quais alegoriza frutos espirituais. Trata-se de um discurso alegórico com o fim de difundir a fé católica no Novo Mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Barroco; Parábolas; Frutas do Brasil

## **ABSTRACT**

*Frutas do Brasil* is a baroque piece of work, written by Father Antônio do Rosário, with a moral and religious combined parable; the author praises Brazilian fruits quality which is an allegory of spiritual fruits. It concerns an allegoric discourse for the Catholic's faith sake and diffusion in the New World.

**KEYWORDS:** Baroque; Parable; Brazilian fruits

Le trait du baroque c'est le plit qui va a l'infini.  
(Gilles Deleuze)

O Barroco, na sua essência, tende a impressionar fortemente os sentidos. Assim, há de despertar uma inquietude, por meio de imagens que se sobrepõem: as superfícies adornam-se de flores, pássaros, frutas e de outros tantos contornos, em franco contraste com a linearidade do classicismo.

Enquanto na arte da Renascença prevalece a disposição dos elementos numa superfície planimétrica, a arte barroca procura, na perspectiva em profundidade, a essência do efeito e o núcleo da imagem, à qual chega, em linha espiralada, por meio de desdobramentos que se sucedem: “O desdobramento da palavra e o desdobramento da imagem combinam-se e misturam-se no tecido do discurso” (SARAIVA, 1996, p. 41).

Como se sabe, o Barroco adota o rebuscamento das formas. As figuras se apresentam mais intrincadas, os motivos se misturam, tornando-se mais difícil perceber as partes. Predomina a ausência de clareza, ou melhor, o obscurecimento. Conforme Wölfflin esclarece: “O artista procura obscurecer a forma material, imprimindo aos elementos conhecidos uma feição diferente, nova, graças a entrelaçamentos e a motivos desconcertantes. Unem-se os elementos díspares, separam-se aqueles que se relacionam.” (WÖLFFLIN, 1989, p. 242-243)

Predomina uma tendência à fusão em vez dos contornos fortemente definidos observáveis no Renascimento. Há uma predileção da vista pelo claro-escuro e pelo “espaço velado”. Segundo o historiador Wilhem Pinder (apud HATZFELD, 1988, p. 135), esse espaço se mostra repleto de adornos redondos e ovais, entremeado de cores, cortinados e estuques. Todavia, conclui que o observador tende a sentir uma perturbação natural de sua ilusão, ao contemplar o objeto, pois este apresenta a sua forma básica “velada”.

Captando as múltiplas possibilidades que o estilo barroco oferece, o cristianismo o adotou e adaptou para iluminar verdades que pareciam ocultas, desvelando-as sob a forma de parábolas, geralmente enunciadas em sermões, numa linguagem altamente direcionada e persuasória. Como sustenta Merquior,

No fundo, a espiritualidade barroca era, em boa parte, doutrinação dirigida, de cima para baixo, muito diversa do cristianismo ‘espontâneo’ da sociedade medieval. Nas nações católicas, onde a alfabetização popular não contou com o incentivo protestante à leitura individual da Bíblia, o sermão e as artes plásticas se tornaram o grande instrumento de propaganda da fé.” (MERQUIOR, 1979, p. 16)

Nesse momento histórico, meados do século XVI, em que se instalou a Contrarreforma, foi fundada a Companhia de Jesus, que se notabilizou pela obediência às Escrituras e à doutrina da Igreja Católica, bem como ao trabalho missionário. O papel dos Jesuítas foi fundamental na expansão da Igreja, que, por sua vez, instituiu colégios, reorganizou o ensino e se utilizou de imagens e ornamentos como meios de propagação da fé. Tais imagens e ornamentos mostravam-se coerentes com o estilo barroco, que, como atesta Afrânio Coutinho, era “o estilo artístico e literário, e mais do que isso, o estilo de vida, que encheu o período compreendido entre o final do século XVI e o século XVIII, e de que participaram todos os povos do Ocidente” (COUTINHO, 1968, p. 138).

Nessa ambiência, a Igreja buscou reafirmar seu poder pela Contrarreforma e aliar sua missão apostólica à expansão territorial e colonização das Américas. Para isso, valeu-se do discurso engenhoso, persuasivo, das parábolas contidas nos sermões. Convém assinalar que a metáfora, amplamente utilizada na construção das parábolas, funda-se no princípio da analogia engenhosa, recurso que estabelece a semelhança entre assuntos díspares, e assim desencadeia associações inusitadas. Como bem observa Saraiva, “Todo o discurso ‘engenhoso’ se ordena tendo em vista uma ‘agudeza’ [...]” (1996, p.8), que pode assumir as mais variadas formas, desde a metáfora, o paradoxo, até o silogismo sutil, considerado pela retórica seiscentista como a agudeza perfeita, porque suas premissas metafóricas conduzem a conclusões em que a fantasia atua sobre a realidade, mostrando-a ao leitor de um ponto de vista transcendente.

No discurso engenhoso convivem o rigor formal – em que cada palavra, cada frase, enfim, todo o discurso é construído segundo um plano que obedece à lógica – e o apelo aos sentidos. Tomemos, como exemplo, a obra pouco conhecida e divulgada de Frei Antônio do Rosário – *Frutas do Brasil*. Antes, porém, é oportuna uma breve apresentação desse religioso, que publicou um número expressivo de obras. Conforme Diogo Barbosa Machado (1741-49, v. II, p. 377-378), Rosário nasceu em Lisboa, em 1647. Muito cedo ingressou na Ordem dos Agostinhos Descalços, em Lisboa, onde chegou a Lente em Filosofia, pregador e Visitador-Geral da Ordem. Mais tarde transferiu-se para a Ordem dos Frades Menores, no Brasil, aonde chegou em 1686, logo assumindo a função de missionário apostólico, que exerceu inicialmente em Olinda. Em 1701, aproximadamente, tornou-se guardião do Convento dos Capuchinhos, em Salvador, onde faleceu em 1704. Essa mudança de Ordem aguçou-lhe o interesse pelas exuberantes belezas naturais do Brasil, daí tendo surgido como principais obras, nessa fase da vida, *Cartas de Marear* e *Frutas novas do Brasil numa nova, e ascética Monarchia*, obra esta publicada em Lisboa, em 1702, por Antonio Pedrozo Galvão.

Convém assinalar que esse livro mereceu duas edições no início do século XIX (1828 e 1830), que vieram a lume, lamentavelmente, mutiladas – sem o prefácio do autor e outras partes, como a *Dedicatória à Soberana Rainha dos Anjos*, Nossa Senhora do Rosário, o que confere à obra o cunho religioso de que realmente se reveste. E é essa omissão – que de fato oculta o contexto desse livro e as reais intenções com que foi escrito – que vai permitir ao novo prefaciador reinterpretá-lo, alterando-lhe radicalmente o cunho, de religioso para burlesco, segundo Ana Hatherly na apresentação da edição de 2002. Ficou, assim, comprometida a recepção crítica dessa obra, o que resultou na sua reduzida divulgação.

Como se sabe, a literatura é uma das mais vigorosas manifestações da linguagem e deve ser entendida como um amálgama do texto e do contexto. Dessa forma, a obra literária pode e deve ser percebida e analisada como um produto da cultura do seu tempo, porque “falar de uma obra não é falar dela apenas, mas dos sentidos que se agregaram a ela ao longo de sua existência como artefato verbal e como artefato cultural”, como afirma Ivan Teixeira (2003, p. 63). Por isso, convém fazer uma breve menção ao contexto socioeconômico da América portuguesa na virada dos séculos XVII e XVIII. Na década de 1690, começou a recuperar-se de um quase colapso a indústria brasileira do açúcar, possivelmente em decorrência da demanda da Europa, cujas reservas acumuladas em Lisboa se esgotavam. Além disso, segundo o historiador Boxer (1981, p. 159), o açúcar brasileiro era o de maior prestígio por sua qualidade, considerado superior ao açúcar procedente das Índias Ocidentais. Como

observa Vainfas, “O engenho de açúcar é a unidade produtiva que melhor caracteriza as condições de riqueza, poder, prestígio e nobreza do Brasil colonial” (2000, p. 199). No final do século XVII, deu-se a descoberta do ouro no interior do país, numa região que então se chamava *do Rio das Velhas*, no atual estado de Minas Gerais. Essas duas riquezas naturais, *frutos* da terra brasílica, despertaram as atenções de todo o mundo, inclusive de Frei Antônio do Rosário, que então exercia suas funções missionárias em Olinda, região próxima dos engenhos de açúcar. Seu interesse, que beirava o científico, levou-o a pesquisar outras frutas desconhecidas no Velho Mundo, mas por ele consideradas de grande valor. No entanto – importa lembrar – fazia-se mister associar as obras divinas, que se mostravam aos homens como dádivas, aos legados espirituais do Criador às suas criaturas. E o fez por parábolas inseridas em seus sermões, em que estabelece uma relação analógica entre o que se encontra na terra com o que há no céu, recorrendo assim ao discurso engenhoso.

Como obra de um missionário, *Frutas do Brasil* busca servir ao ideal religioso – o aprimoramento dos fiéis e o fortalecimento da fé –, valendo-se para tanto do sermão como recurso pedagógico. São três os sermões, cada um dos quais correspondente a uma parábola com função específica. O primeiro compõe-se de três capítulos, dedicados ao ananás, fruta nativa que Frei do Rosário denomina “rei dos pomos”. No primeiro capítulo, promove a analogia entre as propriedades do ananás e os atributos da realeza. No segundo, desenvolve uma reflexão sobre os valores morais, contrastando-os com os valores que prevalecem no mundo material, para evidenciar que só mediante a prática daqueles é que se pode alcançar a *graça*. No terceiro, evidencia as virtudes do ananás, que confronta com as da rosa, com a finalidade de demonstrar a superioridade das frutas em relação às flores.

O segundo sermão, dividido em cinco partes, trata da cana-de-açúcar, que Rosário não só chama de a *Rainha das frutas do Brasil*, como também a equipara ao ouro, certamente pela importância dessa fruta para a economia da metrópole e dos habitantes da América portuguesa que dela dependiam para sobreviver. Do processo de extração dessa fruta, fato conhecido de muitos e de fácil compreensão para a maioria, serve-se o Frei para ilustrar o percurso da salvação da alma, num procedimento analógico perfeitamente coerente com o que se chamou de discurso engenhoso.

O terceiro sermão alegoriza os três estados da monarquia – clero, nobreza e povo –, com a intenção de demonstrar a equivalência entre as características mais notáveis daqueles três estados e as das trinta e quatro frutas (dentre as trinta e seis selecionadas pelo autor). Aí vemos atribuída uma fruta a cada membro representativo de sua classe, com evidente intuito de crítica social, pois há uma série de frutas a imitar e outras a evitar, correspondendo, respectivamente, a virtudes a exaltar e vícios a condenar.

Portanto, a ‘ascética Monarquia que o missionário propõe nestes seus sermões baseia-se na transposição de um plano do conhecimento real da natureza física para o plano de uma ‘ciência mística’, a qual se realiza através de um processo de alegorização, corrente na época, que permitia descobrir as analogias que existem entre o visível e o invisível, entre o real e o imaginário, entre o mundo natural e o moral. (HATHERLY, 2000, p. 31-43)

Por meio das sedutoras imagens das exóticas frutas brasileiras, Frei Antonio do Rosário propõe-se ensinar e propagar a essência da filosofia cristã, com seus preceitos morais, numa linguagem impregnada da religiosidade vigente na época. Rosário é contemporâneo de sóror Maria do Céu, autora de cinco autos, e de Padre Antônio Vieira, que dedicou trinta sermões à Virgem do Rosário. Assim, pode-se afirmar que *Frutas do Brasil* se insere na tradição do culto mariano, como se observa neste exemplo: “[...] também a nossa América tem frutos para representar as excelências, poderes, e maravilhas do Rosário; num só fruto que a Concriadora do mundo, [...] plantou no Brasil, incluiu todo o Jardim do Rosário [...]” (ROSÁRIO, 2002, p. 37-38).

O autor não deixa de mencionar também o valor da oração do Rosário, como se pode observar no seguinte trecho: “A maior maravilha das maravilhas do Rosário, e causa de todos os seus prodígios é ser uma oração, ou muitas orações por pensamentos, palavras, e obras [...]” (p. 32).

São características desse estilo, que Frei Antônio do Rosário usa com maestria, o largo emprego da metáfora, “elemento fulcral do barroco” (SILVA, 1968, p. 378), que, em *Frutas do Brasil*, constrói-se de alegorias, como no sermão sobre o ananás:

[...] por que há de ser o Ananás, e não outro fruto do Brasil, a metáfora do Rosário? Porque em todo o mundo não há fruta, que mais tenha da Senhora do Rosário, do que o Ananás. O nome o diz, Ananás vale o mesmo que *Anna-nascitur*: de Santa Ana nasceu a Mãe de Deus. Ana quer dizer graça; cento e cinquenta vezes se nomeia no Rosário a filha de Ana cheia de graça; e se os nomes são sinais das naturezas que os têm, o Ananás é o fruto que melhor significa a Senhora do Rosário porque contém a origem da sua cheia de graça, de que está cheio o Rosário [...] logo também se pode dizer que *Annanascitur*, é Ananás, o mais sublime, e majestoso fruto desta terra, a metáfora, a significação, e o retrato do Rosário. (ROSÁRIO, 2002, p. 20-21)

Em seu discurso religioso, louva a terra – a América portuguesa –, em que vislumbra a possibilidade de dilatar o reino da cristandade: “Notável terra, notável clima é este Brasil; notáveis simpatias têm as flores, e frutos desta terra como a Paixão de Cristo” (ROSÁRIO, 2002, p.164).

Em *Frutas do Brasil*, os meandros em que se desdobra esse estilo se manifestam no fenômeno do encurvamento das formas. Assim, “as glórias do céu e as pompas da terra” se espriam ao longo da obra de Antônio do Rosário. O texto mostra-se em consonância com o Barroco, que, como se sabe, prima pelo exagero e pela assimilação das novidades: “Novos céus, novas terras, novas excelências, poderes e maravilhas do Rosário” (ROSÁRIO, 2002, p. 17).

Levemos em consideração o fato de essa obra se inserir na “vasta linha do expansionismo ibérico de cariz missionário” (WEISSBACH, apud HATHERLY, 2002, p. 13), quando a conquista das terras e a conversão das almas dos infieis foram, desde os primórdios do descobrimento do Brasil, a meta estabelecida pelos conquistadores portugueses e igualmente pelos religiosos católicos. Trata-se de um reflexo da ideologia reinante no século XVI, quando a incorporação de novas terras estava sujeita não só ao poder monárquico, mas também ao da Igreja. A fé católica não se apresentava isolada da empresa ultramarina. Propagava-se a fé e colonizava-se, fazendo com que a

religião exercesse papel importante na conquista do território, dilatando o reino e a cristandade. Na ótica do conquistador português, o Brasil representava a possibilidade de expansão dos dogmas da Igreja em terras virgens. Segundo Laura de Mello e Souza, havia uma ideia generalizada de que:

O descobrimento do Brasil fora ação divina; de que, dentre os povos, Deus escolhera os portugueses; de que estes uma vez senhores da nova colônia, tinham por dever nela produzir riquezas materiais – explorando a natureza – e espirituais – resgatando almas para o patrimônio divino. (SOUZA, 1987, p. 35)

Possivelmente, por se tratar de um religioso, fica mais evidente a presença do Antigo e do Novo Testamento no texto literário. Entretanto, convém assinalar que o escritor católico vai expressar as emoções da Contrarreforma com uma convicção e uma paixão características do Barroco.

O Novo Mundo se apresentava como a *terra da promessa*. O Brasil, de fato, era favorecido pelo clima ameno, pela abundância das águas, pela variedade das frutas, pela beleza das flores e quantidade de pedras preciosas. Enfim, a América correspondeu, para os europeus, a uma terra abençoada, que conservava aspectos do Jardim do Éden.

O contato do europeu com o Novo Mundo teria ocasionado duas ou mais respostas no conquistador português. A primeira seria o encantamento com este orbe, e a segunda uma antiga percepção idealizada do mundo, abrindo-lhe as portas para a recordação do paraíso perdido, presente no livro *Gênesis*.

Pode-se traçar um paralelo entre a descoberta do Novo Mundo e o modelo bíblico da exploração da terra de Canaã, ambos percebidos e apreendidos como o paraíso terreal. Em *Números*, capítulo 13, versículo 27, está escrito: “Entramos no país ao qual nos mandastes. Realmente é uma terra onde corre leite e mel; e estes são seus frutos”. O modelo bíblico é reduplicado nas narrativas da chegada dos portugueses ao Novo Mundo, em paralelo com a terra prometida, alcançada pelos hebreus depois de um longo percurso pelo deserto. A descoberta do Brasil teria gerado um deslumbramento desse olhar em contato com a natureza geográfica, sua flora e fauna. Associar as belezas naturais do Brasil às maravilhas da Terra Prometida parece ter sido algo que se impunha aos colonizadores: o mundo entendido como criação divina, onde os frutos podiam ser colhidos em abundância. Esses frutos foram louvados por cronistas, viajantes, missionários, historiadores e escritores. Era a visão de uma terra promissora, que frutificava sem grande esforço. Essa promessa se materializou na terra paradisíaca e na desmedida tentativa do artista Barroco em estabelecer um diálogo entre o visível e o invisível – os frutos eram essas promessas, na sua forma concreta e palpável.

Com uma visão que contrapõe a Europa à América, Frei Antônio do Rosário associa a Europa com as rosas, em oposição à América, que representa para ele os frutos. Esses frutos são os alimentos, o aspecto pragmático; já as rosas, dotadas apenas de fragrância, são efêmeras por natureza:

São as flores emblemas da brevidade da nossa vida: ao nosso breve viver, *Brevi vivens tempore*, explicou Jó pelo nascer, e logo acabar de uma flor [...]. diz Salomão: não são assim os frutos, duram mais que as flores: as flores não passam de meninas velhas; os frutos são novos, e velhos, como diz a Esposa dos

Cantares [...]: as flores logo murcham, as frutas de guarda duram todo o ano; e como a virtude da bênção de Deus é fazer crescer, e multiplicar, permanecer, e durar os frutos que crescem, e multiplicam, os frutos que são mais firmes, e constantes que as flores, é que levarão a bênção; e as flores ficarão sem bênção pela fragilidade, e inconstância da sua natureza; e se os frutos são mais excelentes que as flores, mais abençoados de Deus, mais ditosos, e úteis que as flores, mais excelente é logo o Rosário em fruto, do que em flor [...] (ROSÁRIO, 2002, p. 24-25)

Assim, procura ele demonstrar a superioridade das frutas sobre as flores, a supremacia do útil sobre o agradável. A abundância de frutos encontrados no Brasil, a exuberância de suas formas e cores, os sabores deleitosos, tudo favorece a associação com a ideia de paraíso. Nesse sentido, Jean Delumeau, citado por Hatherly na apresentação de *Frutas do Brasil* (ROSÁRIO, 2002, p. 13), considera essa “uma das obras paradigmáticas da evolução do pensamento ocidental” a respeito do mito do paraíso (Id, *Ibid*, p. 13).

As frutas fazem parte de um “pomar simbólico”, no qual Frei Antônio do Rosário as descreve aproximando as formas exuberantes, e às vezes agressivas, da natureza às aparências, aos dons e aos poderes da realeza humana e espiritual, e assim compondo três parábolas que atraem os leitores para as belezas e as variadas frutescências do Brasil. Dessa forma, pretende ensinar-lhes a reconhecer, apreciar e valorizar os predicados não só da boa governança, mas, sobretudo, os da alma. Para isso, vai descrever trinta e seis frutas, dentre as quais o ananás, a cana-de-açúcar, o mamão, o umbuz, a jabuticaba, o caju, a fruta-do-conde, a mangaba, a pitanga, o maracujá – cujos predicados devem ser imitados ou evitados, conforme a situação.

Veja-se o exemplo do primeiro fruto a ser louvado: o ananás, rei dos pomos:

Nasce o ananás com coroa como rei; na casca, que parece um brocado em pinhas, tem a opa real; nos espinhos como arqueiros a sua guarda; pelas insígnias reais com que a natureza o produziu tão singular, de grande, e fermosa estatura, tem a forma digna de império, entre as mais frutas do universo; mas pelas partes, e qualidades que tem para o bom governo, é Príncipe perfeito, porque é severo, e suave, sendo para o gosto a maior delícia; sendo tão gostoso, suave, e deleitável, é mui severo, áspero, e cruel para os criminosos, para os que têm chagas, e feridas: rigor, e brandura a seu tempo, é o axioma do melhor governo [...] (ROSÁRIO, 2002, p.1-2)

E para melhor ilustrar o equilíbrio, a temperança que deve pautar a conduta de um monarca, vale-se das propriedades do ananás: rigor e brandura, severidade e suavidade, cada qual a seu tempo. Assim, em paralelo, emerge a figura humana, dividida entre os pares dialéticos: o bem e o mal, a razão e a fé, a eternidade e a finitude, a carne e o espírito.

Essa figura em conflito será o interlocutor necessário, a quem se dirigem as parábolas, para ensinar-lhe, também por meio do exemplo de grandes personagens bíblicas, como Débora, cujo nome em hebraico significa abelha, isto é, a que constrói comunidades, produz mel e adoça alimentos.

Além de juíza, ela era profetisa, porta-voz de Deus. O texto bíblico revela a doçura e a capacidade de Débora como dirigente política e militar: “Até que eu me levantei por mãe em Israel” (Juízes, 5, 7, p. 268). Assim como ocorreu com outros juízes, essa liderança emergiu particularmente em tempos de guerras e conflitos. Brandura e severidade ficam ainda mais evidentes na figura de João, do Apocalipse, e nas personagens metafóricas do cordeiro e do leão, incluídas nas parábolas do Frei. O rei Davi também é citado, por ser guerreiro e ao mesmo tempo generoso. David foi escolhido pelo Senhor: “Tu serás o pastor do meu povo de Israel, tu serás o chefe de Israel” (Samuel, 5, 2, p. 338).

Ainda louvando as qualidades morais e a perseverança associada à fé, o autor vai buscar no Antigo Testamento outro exemplo relevante: o de Jó. Vale lembrar que o Livro de Jó é um poema dramático-religioso que discute o tema universal da transformação do ser humano. O sofrimento desse homem próspero, íntegro e reto não o leva a desacreditar de Deus, pois tem fé absoluta no Criador. Sua história se encerra com o restabelecimento da saúde e da riqueza. O exemplo do sofrimento e a cura de Jó podem ajudar aos homens que lutam com seu destino.

Insistindo em demonstrar a importância dos frutos, o autor de *Frutas do Brasil* novamente recorre ao texto bíblico, para pôr em relevo a figura de Raquel. Para essa personagem, que representa a dificuldade de gerar filhos, a morte é preferível à esterilidade. A sua formosura e o amor de Jacó não lhe bastavam. Ela desejava ter filhos, frutificar. Da mesma forma, as flores são belas e adornam, mas não dão frutos. Dar frutos significa expandir, dar prosseguimento – uma visão que se desdobra, projetando-se para o futuro. Em que pese à beleza e ao aroma das flores, os frutos da terra são de mais valia – frutos esses que vão reproduzir as qualidades espirituais advindas do céu, que fazem eco na terra. E nesse contato entre o céu e a terra, o Barroco se consolidou, tornando-se um meio competente de divulgação estético-ideológica do cristianismo.

Frei Antônio do Rosário, fiel à técnica de aproximação entre elementos díspares, como a realeza espiritual de certas figuras humanas e a realeza de algumas frutas, depois de eleger o ananás “Rei dos pomos da América”, traz à cena a cana de açúcar, na Parábola Segunda, que nomeia “Rainha deste vasto, e doce Império do Brasil”, cantando suas qualidades:

[...] a cana-de-açúcar é tão doce, que é a mesma doçura, porque dela se faz o açúcar, de que procede toda a doçura do mundo; e fruta que não só é doce, mas a origem do que faz tudo doce; fruta que não só é doce, mas a mesma doçura, coroe-se por rainha das frutas. (ROSÁRIO, 2002, p.47)

Traçando um paralelo entre a doçura e a formosura, cita a rainha Ester, conhecida por sua beleza inigualável, atributo esse pelo qual foi escolhida por Assuero para reinar e substituir Vasti, sua predecessora. O paralelo estabelecido entre a doçura e a beleza tende a ressaltar as qualidades do objeto a ser louvado.

Mais adiante, Antônio do Rosário, reafirmando o reinado da cana-de-açúcar, pois que a ela se devem as riquezas da Coroa portuguesa, compara-a às pérolas e aos diamantes, tão preciosos. O Brasil é uma autêntica mina para Portugal.

[...] o Brasil pela cana, pelos bisalhos dos diamantes, que embarca em milhares de caixas todos os anos, é a verdadeira Índia, e mina dos portugueses: oh saibam, os que não sabem, conhecer, e agradecer a Deus, o que merece esta planta do novo mundo do Brasil, pelo seu tão rico, e estimado fruto [...] (ROSÁRIO, 2002, p.51)

Dentre as personagens do Antigo testamento representativas da realeza, surge a rainha de Sabá, famosa pela riqueza, que foi ao encontro do rei Salomão, conhecido não só pelos seus bens materiais, mas também pela sabedoria. Ei-la se aproximando do rei, adornada de ouro e pedras preciosas. O autor associa a presença da cana-de-açúcar em Portugal à da rainha de Sabá no palácio do rei Salomão, em Jerusalém. Finaliza confirmando que a cana-de-açúcar é a “legítima rainha das frutas desta América” (Id., *ibid.*, p. 52).

Nessa linha hierárquica da realeza, surge o maracujá, que o autor vai nomear “duquesa”, por causa de sua flor que “a natureza enobreceu, singularizou sobre todas as frutas, e flores da terra”. E acrescenta: “pintou o Criador ao vivo nesta misteriosa flor a lamentável tragédia da Sua paixão” (Id., *ibid.*, p. 156).

Rosário finaliza a sua obra dirigindo-se aos pecadores remidos, pois se trata da vitória do catolicismo no Novo Mundo. Para tal finalidade é preciso “corações contritos” e “almas arrependidas”, e dessa forma é possível pensar na vitória pelas armas de Cristo. O texto exalta a vitória do Deus cristão ao louvar os frutos da terra do Brasil, que se erigia em esteio econômico da metrópole.

Em suma, não se pode dissociar a cultura barroca de sua operacionalidade, ao se ressaltar que a Igreja vinha realizando o seu programa de catequese, que deveria florescer e frutificar na expansão da cristandade. As metáforas estão aí presentes, essa figura de linguagem que conduz o leitor para além da significação denotativa da palavra. Assim, na leitura de *Frutas do Brasil*, há de se perceber que essas frutas, oferecidas em banquete ao leitor, devem ser contempladas à luz da revelação divina, que se manifesta em toda a criação.

É digno de nota ainda um conceito artístico ligado à ideia de virtude e impregnado de ações que se justificam pela fé católica. Dessa forma, é possível ler *Frutas do Brasil* como um discurso alegórico, incitando à releitura da luta entre o bem e o mal, da luz contra as trevas, a partir do interior do próprio homem. Essa luta se projeta nas complexas relações entre o poder superior, divino, mas também do “homem rei”, senhor de si mesmo, que possui e exerce o livre arbítrio, e o poder das “más inclinações”, que podem conduzi-lo à desgraça e à morte.

Neste reino também há pleitos, e demandas, que nascem, como diz o Apóstolo São Tiago, das nossas concupiscências, e más inclinações: para estes litígios, e causas, que se movem dentro de nós mesmos, além dos conselhos, tem o homem rei sua relação, e desembargo do paço: a fé, a razão, o temor, a consciência, são os desembargadores, que relatam as culpas, julgam as causas, sentenciam os autos conforme o direito, e ordenação das leis divinas: os pleiteantes são os afetos, e paixões humanas, os vícios contra as virtudes: as penas são cárceres, açoutes, tratos de polé, confiscação de fazenda, degradação, sentença de morte. (ROSÁRIO, 2002, p. 13-14)

É preciso assinalar o fato de as notas finais do livro serem constituídas de um extremo rigor. Trata-se do “Índice das cousas mais notáveis” organizadas em ordem alfabética. O autor começa pelo ananás, rei dos pomos, e finaliza com a palavra *verdade*. Mas, o que surpreende é o “Índice dos lugares da Sagrada Escritura”. Todos os versículos do Antigo e do Novo Testamento, citados em latim nas parábolas, figuram nesse índice, numerados e correlacionados ao livro correspondente.

Enfim, *Frutas do Brasil* reflete no seu âmago o sucesso de Portugal em terras brasílicas com grandes sinais do cristianismo. E, como se sabe, a ideologia se materializa na linguagem. De fato, ela faz parte do funcionamento da linguagem. Portanto, a leitura dessa obra deve levar em consideração a ideologia subjacente ao texto. Isso torna a sua leitura mais deleitável, apesar dos contornos e meandros do barroco que aí se encontram, levando o leitor por caminhos torneados e extremamente ricos em seu conteúdo de pesquisa nos diversos saberes – história, botânica, filosofia, teologia – ao entendimento das mensagens contidas nas Sagradas Escrituras e sua aplicação pragmática.

Frei Antônio do Rosário transpõe o plano do conhecimento da natureza física para os planos da ética e do espiritual, por meio de alegorias. E o faz de tal forma hábil e engenhosa que merece o reconhecimento de seu contemporâneo Jerônimo da Ressurreição, que, ao redigir a licença de publicação, acaba por produzir um texto laudatório da obra examinada, como se observa no fragmento a seguir:

Das frutas do Brasil se aproveitou o autor, para delas colher, e intimar ao mundo outros frutos de melhor laia, e de mais proveito, que são virtudes, e bons costumes; isto tudo com tanto espírito, sutileza, engenho, que os frutos de seus incansáveis desvelos dão, e darão sólido, e autêntico testemunho de querer o autor a todos saborear o gosto, incitar o espírito para bem servirem, e amarem a Deus [...] (Id., *ibid.*, Licenças da Ordem, censura do fr. Hieronymo da Ressurreição).

Valendo-se da alegorização, bastante comum à época, o frade cria as analogias que permitem o desvelar-se dos entrelaços entre o concreto e o abstrato, numa tentativa de conciliar as dádivas da natureza do Novo Mundo à ideia de um paraíso terreal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985.
- BOXER, C.R. *O império colonial português: 1415-1825*. Tradução de Inês Silva Duarte. Lisboa: Edições 70, 1981.
- COUTINHO, Afrânio (Direção). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968, v.I.
- HATHERLY, Ana. *Frutas do Brasil: um rosário para o novo mundo*. In *Brasil e Portugal: 500 anos de enlances e desenlaces*. Real Gabinete Português de Leitura, 2000.
- HATZFELD, Helmut Anthony. *Estudos sobre o barroco*. Tradução de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1988. (Coleção Stylus, 8)
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-49.

- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura I*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.
- ROSÁRIO, António do. *Frutas do Brasil: numa nova, e ascética Monarchia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário*. Fac-símile da edição de Lisboa: António Pedroso Galvão, 1702. Apresentação de Ana Hatherly. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.
- SARAIVA, António José. *O discurso engenboso: ensaios sobre Vieira*. Viseu, Portugal: Gradiva, 1996.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 2. ed., revista e aumentada. Coimbra: Livraria Almedina, 1968.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TEIXEIRA, Ivan. Literatura como imaginário: introdução ao conceito de poética cultural. In: *Revista Brasileira*. Fase VII. Outubro-novembro-dezembro 2003, Ano X, nº 37.
- VAINFAS, Ronaldo (Direção). *Dicionário do Brasil colonial: 1500-1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- WÖLFFLIN, Heinrich. *Conceitos fundamentais da história da arte: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente*. Tradução de João Azenha Jr. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

(Recebido para publicação em 29/06/2009,  
Aprovado em 01/08/2009)